

Nova pandemia, velhas opressões

Diferentemente do estonteante século XX, que começou, prosseguiu e terminou em uma sucessão de cataclismas, cada um deles produzindo a forte sensação de que um mundo se encerrava, as duas primeiras décadas do presente século assemelham-se a placas tectônicas cujo movimento é quase imperceptível e a perspectiva de que se choquem não tira o sono, não impulsiona grandes mobilizações de massas, não atropela a vivência cotidiana de quase todo mundo.

A pandemia de Covid-19 acabou com isso. Foi percebida imediatamente como uma gravíssima ameaça em nível planetário que coloca, no curtíssimo prazo, a espécie humana em risco. Como se fosse um simulacro da primeira grande guerra (1914-18), o combate se apresentou como uma “guerra total” que, portanto, só pode ser travada por meio de uma “mobilização total”.

E, em meio a esforços de mobilização na “guerra contra o vírus”, muitas contradições afloraram e diversas questões reapareceram. Algumas portadoras de criticidade em relação às sociedades contemporâneas (ou à maioria delas). Outras simplesmente bloqueiam qualquer percepção minimamente crítica da ordem. É bem provável que a maior parte destas e daquelas girem em torno de um núcleo comum: as relações entre liberdade, especialmente liberdade individual, e interesses coletivos. Nem todas elas têm respostas razoáveis, até porque atuam mais como bloqueios a qualquer produção de conhecimento crítico. É o caso de polarizações como “economia” ou “vida” e gestões governamentais “técnicas”, logo virtuosas, e, no lado oposto, “políticas”, portanto, espúrias. Da mesma forma, o “ideológico” saiu meio carbonizado sob o fogaréu do “científico”.

Mesmo assim, sem que as esquerdas precisem fazer muita força – que, aliás, não têm – algumas rachaduras aparecem no neoliberalismo. Em um país como o Brasil, que se tornou paraíso de planos de saúde privados, elogios ao SUS se generalizam e o fazem adquirir ares de preferência nacional. Mesmo um líder da extremada direita neoliberal, o primeiro ministro britânico Boris Johnson, ao convalescer do ataque viral, não poupou elogios ao SNH (Serviço Nacional de Saúde), a principal referência para a criação do SUS aqui. Também produziram forte impacto político-ideológico os programas de transferência de

renda emergencial adotados em vários países, inclusive no Brasil de Bolsonaro e seu ministro da Fazenda, Paulo Guedes. Por outro lado, onde a mercantilização das relações sociais se tornou um símbolo de liberdade e bem-estar o vexame aumenta. O primeiro da fila é a principal potência econômica e militar do planeta – os EUA – literalmente incapaz de fazer qualquer coisa de razoável diante da pandemia. Faltam estruturas básicas para uma política de saúde; não produzem sequer máscaras em quantidade suficiente para atenderem à sua própria população nem, muito menos, às de outros países. Pior, praticam uma nova espécie de pirataria ao se apoderarem, via pagamento e pressão política, de equipamentos de saúde produzidos na China – a “produtora” da pandemia – e já em processo de embarque para países imperialistas europeus e aliados dos EUA. Resta fazer tonitruantes ataques à Organização Mundial de Saúde e guardar silêncio quase total sobre as brigadas cubanas de medicina e enfermagem que, mais uma vez, saem para auxiliar o combate à pandemia em diversos países, inclusive na Europa Ocidental.

Os textos que compõem o dossiê deste número de *Lutas Sociais* expressam diferentes tentativas de compreensão da nova realidade que se apresenta com a expansão da Covid-19 a partir de uma perspectiva de transformação social. Todos são fortemente antineoliberais e, de diferentes modos, anticapitalistas. Por exemplo, Simon Mair faz um esforço de articulação de aspectos da teoria marxiana do valor trabalho com aportes ecofeministas. Com esse referencial teórico, analisa a exasperação da dominância do valor de troca sobre o que considera outras formas de valor; e examina as possibilidades de novas lutas que construam relações sociais livres dessa dominância. Em um artigo provocativo, Almerindo Janela Afonso atualiza teses sobre o caráter de classe do Estado, o que lhe permite criticar teses sobre um – enfim! – retorno, em escala planetária, dos velhos bons tempos de um pretense Estado providência. Bem diferente disso, o que se manifesta pode ser provocativamente conceituado como “keynesianismo de exceção”. Carlos Martinez, a partir de outra perspectiva, examina o imenso contraste entre os modos como, por um lado, a China – para ele um país socialista – e, por outro, os países capitalistas ocidentais enfrentam a pandemia.

Os demais textos do dossiê se voltam para a América Latina. Frédéric Thomas examina a difícil situação do subcontinente e chama a atenção para a maior importância dos Estados nesse tempo de Covid-19, o que não significa boa notícia para as formas as formas de auto-organização popular. Pierre Salama mostra como atual pandemia não apenas reforça, mas também revela as características do sistema de exploração das massas populares latinoamericanas em um contexto do que ele denomina fim da globalização. Neste sentido, para os explorados do continente de maior desigualdade social do planeta, qualquer volta “ao normal”, inclusive com retorno dos governos progressistas, será a tragédia.

Na América Latina, o Brasil. Deivison Faustino e Renata Gonçalves analisam as relações entre a nova pandemia e as duradouras imbricações de aspectos coloniais, patriarcais e racistas do capitalismo brasileiro. Cinco autores com uma rica diversidade de trajetórias intelectuais, István Varga, Lizandra Guedes, Maria de Divina Lopes, Sara Costa e Zaira Azar expõem e analisam um importante trabalho coletivo que coordenaram, apesar das diversidades político-epidêmicas: um curso à distância voltado para a formação de agentes populares de saúde na Amazônia Brasileira. Para encerrar o dossiê, uma entrevista com Fernanda Almeida, Assistente Social e Psicóloga. Ardente defensora da saúde pública, a começar pelo SUS, Fernanda apresenta uma importante reflexão sobre os impactos do Covid-19.

Fora do dossiê, quatro artigos formam um conjunto bastante diversificado de tendências marxistas. Jesus Ranieri procura destacar a influência hegeliana em aspectos fundamentais da produção teórica de Marx, especialmente n' *O Capital*. João Alfredo Melo Junior salienta a importância de dois textos de Edward J. Thompson para o estudo de ações coletivas dos pobres, ações que contribuirão fortemente para o processo de constituição da classe trabalhadora. Fernanda Bartoly Lima analisa as limitações das perspectivas de liberdade e emancipação hegemônicas na sociedade burguesa e, a partir de uma abordagem ontológica, procura demonstrar teoricamente que a plena emancipação humana só é possível para além do capitalismo. Enfim, João Pedro Luques faz uma crítica althusseriana à crítica que Carlos Nelson Coutinho fez a Louis Althusser em *O estruturalismo e a miséria da razão*.

A primeira das três resenhas amplia a diversidade das posições teóricas no interior do marxismo que se expressam neste número de *Lutas Sociais*. Trata-se de uma apreciação que Renan Rodrigues dos Santos faz do livro *O trato filológico de Gramsci e seus usos*, organizado por Alvaro Bianchi, Daniela Mussi e Sabrina Aracó. Na segunda resenha, Ilse Gomes Silva faz um comentário crítico sobre o livro de Riccardo Marchi sobre o partido fascista *Chega*, que, recém-criado, já marca presença no cenário político português. E, por fim, Ana Lúcia de Oliveira Ramos aborda o livro *Racismo na infância*, de Márcia Campos Eurico, que analisa o racismo presente no processo de socialização de crianças e adolescentes em serviços de acolhimento institucional.

É o que temos a apresentar neste número, com vistas a contribuir para o conhecimento de relações sociais básicas na perspectiva de sua transformação. Esteja à vontade para enviar críticas ao nosso trabalho.

Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida
Editor